

Economistas e idéias em votação

Economia - Brasil

por Pedro Cafardo
de São Paulo

Cerca de 14 mil economistas vão às urnas, a partir desta segunda-feira, para escolher novos representantes na Ordem e no Conselho Regional dos Economistas de São Paulo. O resultado da votação, na verdade, vai retratar uma definição de forças das duas principais correntes que dividem os economistas do estado. De um lado, os liderados pelo professor Miguel Colasuonno, que representam a situação nas duas entidades, intitulam-se liberais e são rotulados como conservadores e governistas pelos adversários de chapa. De outro, os liderados pelo professor Luciano Coutinho, que se consideram keynesianos modernos e são rotulados como socializantes pela chapa de Colasuonno.

"Eles se dizem keynesianos para disfarçar a intenção de socializar a economia", disse, sexta-feira, a este jornal o professor Colasuonno. Keynes propunha a intervenção do Estado apenas para tirar a economia da estagnação, afir-

mou Colasuonno. "Nós, liberais, também propomos que o Estado intervenha em situações muito especiais e em setores indutores do desenvolvimento regional."

"Não tem nada de socializante", reagiu Coutinho ao saber da afirmação de Colasuonno. No Estado moderno, segundo Coutinho, não existe mais "esse negócio de liberal puro", que só aceita a intervenção do Estado em casos especiais. Ele recomenda a Colasuonno uma nova leitura da "Introdução à Economia", de Paul Samuelson, um livro-texto segundo o qual à medida que as sociedades avançam aumenta a exigência de o Estado regular áreas cada vez mais amplas das relações econômicas e sociais. Desde a crise de 1929, disse Coutinho, aprendeu-se que não se pode estabilizar a economia capitalista sem uma segura interferência do Estado.

Devido às próprias divergências ideológicas, naturalmente, as duas chapas de economistas abrigam pessoas que vêm trabalhando em campos politicamente opostos. Os compa-

nheiros de Colasuonno são em geral ligados ao governo federal e já ocuparam ou ocupam funções públicas — o ministro Delfim Netto faz parte do Conselho Superior da chapa e o próprio Colasuonno é presidente da Embratur. Os correligionários de Coutinho, em grande parte, estão agora ocupando cargos no governo Franco Montoro.

Com a máquina estadual na mão, disse Colasuonno, é muito provável que "eles ganhem alguns pontos". Por essa mesma razão, entretanto, ele acredita que a sua chapa poderá obter vantagens. Mais de seiscentos economistas, afirmou, perderam cargos no governo estadual com a posse do governador Montoro e estão trabalhando pela chapa da situação mais do que nunca.

Nem tudo, porém, desune as duas chapas. Ambas, por exemplo, estão de acordo nas críticas ao achatamento que o Decreto-lei nº 2.064 vai promover nos salários da classe média.

(Continua na página 3)

Economistas e idéias em...

Economia - Brasil

por Pedro Cafardo
de São Paulo
(Continuação da 1ª página)

Coutinho disse ao repórter Ricardo Moraes que o decreto "destrói a classe média". Colasuonno vai além: sustenta que o achatamento salarial na classe média terá influência direta nas faixas mais pobres. Segundo dados da Ordem dos Economistas, que faz pesquisas regulares sobre o assunto, cerca de 12% dos gastos da classe média em São Paulo são dirigidos a pagamentos de salários de empregados domésticos, cabeleleiros, pessoas que fazem consertos de casa e outros serviços dessa natureza. Dessa forma, a redução dos salários nas faixas médias teria influência nas inferiores.

Há algum entendimento também na parte do Decreto-lei nº 2.064 que eleva impostos. Vicente de Paula Oliveira, atual vice-presidente da Ordem dos Economistas e candidato pela chapa da situação a membro do Conselho, lem-

bra que o decreto tem coisas boas, como a taxaço mais forte de ganhos de capital.

Para Oliveira, ouvido sexta-feira pela repórter Márcia Raposo, a maior discordância entre as duas chapas é o fato de que a oposição vem pretendendo transformar a entidade de classe em um reduto partidário. A chapa de Luciano Coutinho, segundo Oliveira, seria um reduto do PMDB. Coutinho não concorda com isso. Na verdade, nos últimos dias da campanha, tendo em vista a acusação, ele tentou atrair economistas do PDS. "Quero louvar os setores lúcidos do PDS que reivindicam mudanças na política econômica", disse Coutinho e traçou um perfil de seu provável eleitor: "economista moderado e de centro".

Um ponto de clara divergência entre as duas partes refere-se à condução dos entendimentos para o acordo com os credores externos. Segundo Coutinho, a receita recessiva do FMI está levando a um "sacrifício para nada". Sua proposta é a moratória. Para Colasuonno, os entendimentos desenvolvidos na área externa estão corretos e muito bem conduzidos, principalmente depois que Affonso Celso Pastore assumiu o Banco Central.